

## **Batalhas de afirmação, batalhas de institucionalidade:** uma análise discursiva de performances da resistência no Duelo de MC's

*Carolina Abreu Albuquerque<sup>1</sup>*

---

1 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela mesma instituição, é integrante do Centro de Convergência de Novas Mídias (CCNM-UFMG). [carolalb@gmail.com](mailto:carolalb@gmail.com).

**Resumo**

Sob o pano teórico dos estudos culturais, este trabalho pretende fazer uma abordagem acerca das performances de jovens rappers que se apresentam no Duelo de MC's, evento de hip hop organizado semanalmente em Belo Horizonte, debaixo do Viaduto Santa Tereza, um dos cartões postais da cidade. Através da apropriação de ferramentas do método etnográfico e da análise discursiva, tal como proposta por Stuart Hall (2002), o trabalho busca compreender como os MC's constroem, em sua performance, uma ideia de resistência, reivindicando um lugar para si no espaço urbano.

**Palavras-chave**

Resistência, culturas juvenis, hip hop, estudos culturais, comunicação e culturas urbanas.

**Abstract**

Under the cultural studies theoretical approach, this paper aims to make reflect on the performances of young rappers who present in Duelo de MC's, a hip hop event held weekly in Belo Horizonte under the Santa Teresa bridge, one of the city's postcards. By appropriating ethnographic tools and discourse analysis, as proposed by Stuart Hall (2002), the research seeks to understand how the MC's build an idea of resistance on their performances, claiming a place for themselves in the urban space.

**Keywords**

Resistance, youth culture, hip hop, cultural studies, communication and urban cultures.

A mudança de paradigma que envolve os estudos em comunicação trouxe contribuições para diversas abordagens e eixos temáticos. No campo teórico dos estudos culturais, a compreensão da natureza relacional do processo comunicativo ilumina a concepção das relações de poder como inseridas em um cenário de hegemonia. Cultura hegemônica e resistência popular passam a ser pensadas na relação que estabelecem entre si, destituídas de qualquer pretensão imanentista ou totalizadora.

Autores contemporâneos apostam nas formações culturais juvenis como lugares privilegiados para analisar a relação entre resistência e hegemonia. A partir do momento em que a resistência deixa de ser pensada como “substância” – para uma compreensão mais abrangente e relacional –, multiplicam-se as possibilidades de estudo das interações entre o popular e o hegemônico, e de sua relação com identidades culturais. Ademais, o estudo das identidades perde também seu caráter estático, abrindo o leque de posições assumidas pelos sujeitos.

É buscando uma compreensão relacional dos processos de resistência que tomamos como objeto, neste artigo<sup>2</sup>, os Duelos de MC's: encontros de hip hop realizados semanalmente em Belo Horizonte, desde 2007, em que jovens rappers da cidade e da região metropolitana protagonizam batalhas de improviso de rimas ao som de DJs. O encontro, organizado pelo coletivo de hip hop Família de Rua, acontece às sextas-feiras à noite, no espaço debaixo do viaduto Santa Tereza. Por meio da observação participante dos duelos e da análise discursiva da performance dos MC's, procuramos perceber como os sujeitos, a cada batalha, se apropriam diferentes elementos do discurso hip hop para configurar uma ideia específica de resistência.

O artigo busca revelar as posições que os MC's assumem nas batalhas, relacionando-se com modelos socialmente constituídos. Compreender a performance dos sujeitos nos duelos de MCs é, desse modo, explicitar os liames

2 Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, em São Paulo, no ano de 2011.

dos embates culturais no âmbito da negociação. É dizer dos diversos discursos que circulam em nossa sociedade, da forma como são apreendidos, elaborados e apropriados pelos sujeitos, em constante tensionamento. Em última instância, é fazer emergir, das práticas culturais e sociais, algo do que as constitui.

### **O camaleônico conceito de resistência**

O embate entre *dominações* e *resistências*, traduzido muitas vezes nos termos de *cultura dominante* contra *cultura popular*, permeia o campo dos estudos culturais sem constituir um consenso entre pesquisadores. As controversas discussões em torno da noção de agência<sup>3</sup> dificilmente partem de um (ou chegam a um) denominador comum, seja para analisar os usos dos produtos midiáticos, o consumo das modas culturais ou os estilos de vida de subculturas. Como resultado, a noção de *resistência* é historicamente invocada de forma bastante indiscriminada.

Ao debruçar-se sobre as nuances desse conceito, João Freire Filho (2007) atribui a ele um caráter “camaleônico”, por ser usado para definir desde as mais conscientes artimanhas de ação política até as mais volúveis formas de consumo. Essa “elasticidade conceitual” é problemática na medida em que torna difícil estabelecer parâmetros para a discussão acerca do poder e da subjetividade – discussão que é ontológica para os estudos culturais.

Freire Filho, em um esforço de classificação das posições epistemológicas que orientam o uso do conceito camaleônico, segue uma divisão esquemática entre o que seriam noções *modernas* e *pós-modernas* de resistência. Nas perspectivas modernas, segundo o autor, “o poder (arraigado na estrutura de classe ou no patriarcado) constitui algo que é possuído pelo grupo dominante e é exercido contra o subordinado; o subalterno é capaz, por sua vez, de resistir e tentar tomar o poder” (FREIRE FILHO, 2007, p. 15). Essa concepção está ancorada

3 João Freire Filho define o agenciamento como “capacidade mediada socioculturalmente de agir de modo propositado (e, por vezes, criativo) diante de imposições coercitivas e estados de dominação, impedindo, fortalecendo ou catalisando mudanças em normas, sanções e hierarquias culturais e sociais” (FREIRE FILHO, 2007, p.13).

em uma ideia racionalista de sujeito, que seria pré-discursivo, internamente coerente, clara e conscientemente posicionado frente à dominação.

A noção pós-moderna, por outro lado, coloca ênfase nos fluxos de poder, na construção fragmentária das subjetividades. Freire Filho destaca o papel que assumem a contingência e a contradição nessa concepção, em que se enxerga a possibilidade de brechas, ou fissuras, no processo de interpelação e constituição discursiva. “Nesse processo, conhecimentos, verdades e rótulos pré-estabelecidos que disciplinam e assujeitam, mecanismos de controle que anestesiam a potência criadora podem ser questionados, reinterpretados, desautorizados e alterados” (FREIRE FILHO, 2007, p. 17).

Apropriando-nos da classificação do autor, pensamos ser possível relacionar essas noções a uma discussão mais ampla no interior dos estudos em comunicação e cultura, no que diz respeito ao entendimento mesmo da dinâmica dos embates entre dominações e resistências. Partimos da percepção da grande recorrência, nos estudos da cultura, de um movimento de redução da relação entre os dois domínios (dominações e resistências, dominante e popular – e, em última instância, estrutura e sujeito) a uma polarização.

De um lado, teorias macrossociais desconsideram qualquer capacidade de agenciamento por parte dos sujeitos, “vistos como passivos executantes das práticas impostas pela dominação, incapazes de distinguir, entre as mensagens, quais as que lhes são benéficas ou prejudiciais” (CANCLINI, 1985, p. 67). A balança do poder, nesse tipo de estudos, pende sempre para o lado da estrutura, dos discursos, da determinação incontestável da ação social pelas imposições da cultura dominante, que tudo engole e encapsula.

De outro, estudos das culturas populares operam a partir de propriedades que seriam intrínsecas ao “popular”, atribuindo-lhe uma essência a-histórica capaz de resistir a qualquer mudança estrutural. A atribuição dessa autonomia pura aos sujeitos negligencia tanto o contexto histórico, quanto o peso de condições pré-determinadas e instituições sociais.

Na pressuposição de que a tarefa da cultura hegemônica é dominar, enquanto a da subalterna é resistir, muitos estudos parecem não ter nada mais a investigar além dos modos pelos quais uma e outra cultura desempenham seus papéis nesse roteiro (CANCLINI, 1985, p. 74).

A compreensão dessa relação em termos binários impede o entendimento da globalidade do debate, na medida em que considera ambos os lados como polos isolados. Acreditamos que a *noção moderna* de resistência, tal qual classificada por Freire Filho, está calcada nesse esquema conceitual estático, estanque, em que dominação e resistência são entendidas como *substância*, ou seja, como algo em si mesmas. É a partir do momento em que a cultura e os embates culturais passam a ser pensados em um cenário de *hegemonia* que se torna possível superar esse entendimento.

Ao tomarmos a hegemonia como um pressuposto, não faz sentido compreender “o popular” como espaço de resistência e “o hegemônico” como lugar da dominação. A fixidez dessas categorias – “o popular”, “o hegemônico” – é necessariamente relativizada. Uma e outra instância se constituem na relação que estabelecem na luta cultural, nas trocas comunicativas, nos movimentos de ceder, resistir, valorizar, incorporar, *negociar*.

Há pontos de resistência e também momentos de superação. Esta é a dialética da luta cultural. Na atualidade, essa luta é contínua e ocorre nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de campo de batalha permanente, onde não se obtêm vitórias definitivas, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas (HALL, 2009, p. 239).

Há uma mudança significativa no foco, agora localizado em: trocas simbólicas, formas pelas quais hegemônico e popular se entrelaçam nos discursos, valores e significados; na luta cultural como um processo histórico e contínuo; na cultura como cenário matéria-prima e produto desse processo,

constitutiva e constituída nas práticas e nas relações dos sujeitos, permeadas por relações de poder; nos processos de identificação desses sujeitos em identidades de natureza narrativa e discursiva, transitórias, móveis, performativas e possivelmente contraditórias.

É aí que pretendemos nos inserir: em uma compreensão relacional, para além das dicotomias, do cenário poroso e híbrido em que a resistência se constitui, marcada pelo tensionamento, atravessada por relações contraditórias e movimentos de *negociação*.

Nesse sentido, a resistência não pode ser entendida simplesmente como uma oposição. Nosso entendimento aponta para a utilização do conceito como uma *proposta de relação*. Não pretendemos, portanto, ao olhar para o Duelo de MC's, analisar a resistência em si, como algo *a priori*. Procuramos, sim, buscar os discursos que são acionados pelos sujeitos para construir uma ideia de resistência – uma ideia que é específica e contingente, e que se constrói no momento mesmo da interação.

Partimos da percepção de que os discursos que circulam culturalmente acerca do movimento hip hop o associam, com muita recorrência, à ideia de resistência, oposição e contracultura. Ou seja, entendemos que há um conjunto de representações generalizadas (DAYRELL, 2005) acerca do *hip hop*, que compõem uma imagem específica com a qual os sujeitos irão dialogar: uma imagem de resistência. Buscamos entender, assim, como é construída uma ideia de resistência a partir do tensionamento e da articulação, nas batalhas dos MC's, desses discursos diversos, e de sua apropriação pelos sujeitos.

### **Batalhas de rima em Belo Horizonte: acerca do duelo de MC's**

O Duelo de MC's é um encontro de hip hop realizado semanalmente em Belo Horizonte desde 2007, cuja atração principal está nas batalhas de rima. Desde os guetos nova-iorquinos, considerados o berço da música rap, até a apropriação da batida no cenário urbano brasileiro, as batalhas entre

MC's são uma prática comum. Semelhante ao repente nordestino, a batalha é uma competição em que, ao som da batida rap, os participantes devem bolar provocações e respostas improvisadas ao oponente, utilizando o recurso da rima. No encontro de BH, as disputas são organizadas pelo coletivo Família de rua (FDR) e acontecem às sextas-feiras à noite, no espaço debaixo do Viaduto Santa Tereza.

Os duelos seguem uma estrutura geral de funcionamento: qualquer um que esteja presente no encontro pode se inscrever. Se o número de inscritos for maior que 8 (número padrão em que se realizam as disputas), são sorteados os MC's que irão participar. Cada um deles paga uma inscrição de R\$ 2. A soma das inscrições constitui o prêmio do vencedor da noite (geralmente, portanto, R\$ 16). É realizada a primeira fase das batalhas, de cunho eliminatória, restando duas duplas para a semifinal. Há um intervalo, em que podem acontecer *pocket shows* (apresentações curtas de *rappers* locais), sempre seguidos da roda de *b.boys*, em que o DJ toca uma seleção de músicas para que se dance o *break*. De volta às batalhas, há as semifinais e as finais. O campeão da noite, além de levar para casa a soma das inscrições dos participantes, tem direito a fazer um *freestyle* de um minuto. Ou seja, improvisa sozinho sobre o que preferir, acompanhado de uma base colocada pelo DJ. Em algumas edições dos duelos, grafiteiros se ocupam das pilastras do viaduto simultaneamente às batalhas.

As batalhas, por sua vez, podem ser "tradicionais" ou "temáticas". Nos duelos tradicionais, são feitos dois *rounds*, em que o DJ coloca uma base de rap de 45 segundos para cada MC. Os oponentes se alternam, desferindo rimas um contra o outro, afrontando-se diretamente. "As batalhas temáticas", ou "duelos do conhecimento", são edições especiais, estruturadas de outra forma. No início do duelo, é colocado um quadro negro no palco. Nele, é escrito o tema ("direitos culturais", "por que não a união?") e 4 ou 5 palavras do mesmo campo semântico. Os MC's não devem se afrontar diretamente, mas elaborar rimas em torno do tema, usando ou não as palavras relacionadas. Há apenas um *round*, com 60 segundos para cada MC.



## Alguns apontamentos metodológicos

Para empreender uma leitura da performance dos MC's nos duelos, optamos por construir um método de imersão, apropriando-nos de alguns princípios da abordagem etnográfica. Ainda que uma descrição detida do duelo não fosse nosso foco principal, interessava-nos bastante perceber as relações ali estabelecidas, o modo como os presentes experienciavam as batalhas, suas impressões e entendimentos acerca do que se passava.

Dentre os pontos envolvidos no método etnográfico, destacamos para nossa investigação o procedimento de observação participante. Ao tomar o hip hop como uma subcultura juvenil, partimos da proposta de experienciar os duelos, deixando-nos afetar pelo fenômeno e sem ter grandes pretensões de distanciamento na relação aí estabelecida. Assumindo a subjetividade envolvida no processo de observação dos duelos, optamos assim por vivenciar o evento em meio ao público, com o público e como público, vibrando com a sagacidade das rimas, estabelecendo MC's favoritos, escolhendo a quem e como aplaudir.

No entanto, entendemos nossas limitações e distanciamentos frente à proposta antropológica. Em primeiro lugar, pela natureza da questão proposta: reforçamos que nosso objetivo não é fazer etnografia, mas nos apropriarmos de ferramentas e conceitos do método etnográfico para responder a uma questão que é *comunicacional*. Em segundo lugar, pela própria relação que pudemos estabelecer com o objeto. É preciso reconhecer que nossa investida acerca do Duelo de MC's tratou-se de uma pesquisa curta: não frequentamos os duelos por tempo suficiente a ponto de estabelecer uma maior integração ao ambiente.

Como *corpus*, tomamos o registro em diário de campo da observação dos duelos em seu local de realização, o espaço debaixo do Viaduto Santa Tereza, no centro de Belo Horizonte. O material levantado para a análise foi coletado em cinco edições do Duelo de MC's (12 de março, 23 e 30 de abril, 07 e 21 de maio de 2010). Percepções e notas tomadas em outros duelos frequentados complementam e amparam a análise, bem como material coletado por meio das entrevistas com os membros do coletivo Família de Rua.

Constituído o corpus, partimos para a análise da performance dos MC's, que buscamos empreender nos moldes de uma análise discursiva (HALL, 2002), levando em conta os conceitos de discurso e representação em uma concepção foucaultiana. Uma abordagem discursiva preocupa-se em compreender como o conhecimento produzido pelos discursos relaciona-se com o *poder*: regula condutas, constrói identidades e subjetividades e define a forma como as coisas são representadas, pensadas, praticadas (HALL, 2002). A análise discursiva pretende fazer emergir os discursos dos enunciados, revelando representações e sentidos consolidados.

Partindo desses apontamentos, a performance funciona aqui como um importante operador conceitual para identificar o lugar de onde buscam falar os jovens MC's. Acreditamos que, fazendo uso do rap, em uma performance de resistência, os jovens da periferia constroem para si um lugar, posicionando-se em relação a uma imagem que também constroem do hegemônico. Uma análise discursiva dessa performance busca entender *como* esses sujeitos colocam em cena discursos específicos ao estabelecer relações e fronteiras identitárias. Que discursos são esses? Que representação de resistência é evocada? Como essa representação é materializada na performance? Que tipo de relação se busca estabelecer? Em suma, *como os jovens MC's configuram, em sua performance, uma ideia de resistência?*

Pela observação dos duelos, consideramos que a performance dos MC's tinha diferenças substanciais conforme a natureza "tradicional" ou "do conhecimento" do duelo. No primeiro caso, os MC's procuram, em seu improviso, mostrar como são superiores ao oponente, seja vangloriando-se de seu talento ou diminuindo o outro. Questões comumente associadas ao universo hip hop (como o respeito, a contestação, a periferia) aparecem como pano de fundo, sendo, vez ou outra, ressaltadas na rima. No segundo, percebemos uma inversão: a ênfase do improviso está nas questões ligadas ao movimento hip hop, orientadas pelos temas propostos. Quando o MC tem dificuldade de elaborar em cima disso, acaba recorrendo ao movimento de vangloriar-se/fazer chacota com o oponente.

Nesse sentido, optamos por orientar nossa análise a partir da divisão em duas categorias, buscando contemplar um e outro tipo de duelo. É importante ressaltar que a divisão em categorias não pretende alienar os dois tipos de duelo, mas justamente colocá-los em relação: é a partir de sua contraposição que podemos observar como a performance dos MC's configura uma ideia de resistência a partir da qual podem (ou não) divergir. Classificamos, assim, como *Batalhas de afirmação* os duelos tradicionais e como *Batalhas de institucionalidade* as edições temáticas, buscando compreender como, em um e outro caso, os MC's acionavam diferentes discursos em sua performance.

### **Batalhas de afirmação**

Os chamados "duelos tradicionais" seguem uma estrutura simples: uma lógica de ataque e resposta cujo objetivo é vencer o oponente. Os MC's trocam rimas de provocação, desafiando um ao outro. Nossa análise propõe um entendimento de como as diversas formas de ataque ao adversário configuram uma espécie de *afirmação*, de auto-afirmação frente ao oponente, frente ao público e ao hip hop de forma geral.

A ofensa pessoal é um recurso bastante utilizado: "Você é muito pequeno, eu vou te destruir"; "Sua mãe tinha um sonho de ter um filho homem"; "Você que é um playboy, tá pagando de roupinha original". Ideias explicitamente relacionadas ao universo hip hop são menos recorrentes, mas convocadas vez ou outra nas rimas. "Do lado leste eu venho, sempre fortalecendo o movimento"; "Vou pregando a verdade, pra minha comunidade. Santa Luzia, periferia"; "Falou de Santa Luzia, se liga, é rap mineiro. Eu respeito, sem preconceito".

O recurso a rimas violentas é sempre presente: "Vou colocar sua cabeça numa bandeja"; "Me olha desse jeito que eu chuto a sua cara"; "Parceiro, cê tá ligado, vou te pôr é no bueiro"; "Eu não sou boxeador, mas você vai virar o meu saco de pancada"; "Tá de braço cruzado? Sua ideia vai ficar mais cruzada que a sua cara arreventada". Pode ser possível tomar a *agressividade* como um

*tom preferencial*, uma marca característica na proposta de relação simbólica que o hip hop e, sobretudo, o rap buscam estabelecer. A performance dos MC's é bastante marcada pela agressividade, materializada não só nas rimas violentas, mas na gestualidade e no tom de voz da grande maioria dos MC's. No entanto, é importante perceber como o recurso à violência constitui apenas mais uma chave de ataque, mais uma posição que os sujeitos podem assumir no jogo da rima.

Outro recurso muito recorrente de ataque refere-se à desqualificação da rima do outro. "Você pensa que é MC, mas não tem vocabulário"; "Eu te digo, parceiro, que você não representa"; "Você não tem o flow, não tem o proceder". A essas provocações, um tipo de auto-afirmação constitui o oposto: "Eu rimo com a plateia, vou até o fim nessa odisseia"; "Porque parceiro, aqui eu mostro o meu proceder, aqui eu vou representar. Porque parceiro, eu vou te matar"; "Eu sou muito pequeno, mas sou MC. Esse cara nunca ouviu falar de Golias e de Davi?". Parece estar em jogo, nessas formas de provocação, um ideal do que é ser um MC. Mostrar ou ter "proceder", "representar", é fazer rima com consciência, é ter sagacidade, estilo e inteligência, saber levar a batalha "no sapatinho", com respeito e sem violência, características atribuídas a um verdadeiro MC.

Além disso, a figura do MC é comumente associada à *marginalidade*. Não em sentido depreciativo, como muitas vezes ela é enquadrada, mas como uma referência positiva. Rimas como "Eu vou falar pros vagabundos, pros malucos" e "Vagabundo como eu" são recorrentes, em um movimento de valorização do que está à margem. O MC torna-se uma espécie de representante, ou herói da marginalidade. Sua poesia não está nos livros, sua sabedoria não vem da escola. É no traquejo do improvisado, na malandragem, "no sapatinho", que eles se destacam, são reconhecidos e valorizados.

Percebemos que essa imagem do MC é fundamental para as batalhas tradicionais. Associar-se a essa imagem é filiar-se a um discurso específico de rebeldia, de resistência. Está em jogo, nestes embates, construir e sustentar

uma imagem pessoal perante o oponente e o público: a imagem do MC, inteligente e sagaz, cuja poesia está à margem do sistema. A cada batalha, os MC's buscam essa associação, por meio de sua performance: ofender e diminuir o adversário, por meio das diversas táticas de ataque construídas no momento mesmo do improviso, é um esforço por afirmação, por autoafirmação. Argumentamos que o discurso de resistência incorporado nessas batalhas é acionado em um nível *individual*: nas batalhas tradicionais os participantes partem do ataque ao oponente *para se afirmarem* como verdadeiros MC's, representantes legítimos do movimento.

### **Batalhas de institucionalidade**

No Duelo de MC's, os chamados "duelos do conhecimento" surgem com inspiração nas "batalhas do conhecimento", que acontecem no Rio de Janeiro: um tema é proposto no momento mesmo das batalhas, seguido de palavras de referência. A lógica das batalhas também é modificada, sendo reduzida para dois *rounds* de um minuto, cujo objetivo não é atacar o oponente, mas elaborar acerca do tema proposto.

A inserção de temas nas batalhas gera mudanças significativas na performance dos MC's. Ao mesmo tempo em que a batalha temática oferece alguma referência aos MC's, pelas palavras escritas no quadro, o caráter de improviso é potencializado, na medida em que fica mais difícil recorrer a jargões ou jogar com a rima do oponente. Embora a construção de uma imagem perante o público continue sendo importante, não se trata mais apenas de sustentar essa imagem, ou de se afirmar como superior ao oponente. É preciso articular a rima com uma questão maior, um tema que vem de fora. Argumentamos, aqui, que esta é uma diferença fundamental: os motivos das batalhas, o conteúdo das rimas, passam a ser orientados de forma muito mais forte pelo discurso que o hip hop constrói enquanto expressão cultural.

Dentre os duelos temáticos observados, o primeiro tema acionado foi “Por que não a união?” (seguido das palavras “positividade”, “luta”, “persistência” e “responsabilidade”). Nesse dia, as rimas dos MC’s seguiram uma linha conciliadora, de valorização e exaltação da cultura hip hop: “Aqui tem mais cultura que no Palácio das Artes”; “Quando eu rimo, eu tenho a resistência de Zumbi dos Palmares”. Ao mesmo tempo, os MC’s versavam como forma de reivindicação de consciência, respeito e união.

Em uma outra edição do duelo, a FDR optou pelo tema “heróis brasileiros”, para o qual foram elencadas as palavras “resistência”, “Zumbi”, “Tiradentes”, “Santos Dumont” e “Chico Xavier”. No decorrer das batalhas, percebemos que os MC’s orientavam as rimas para entender o povo como herói: “Todos os brasileiros são heróis, como a Dona Maria”; “Vou falar dos heróis que acordam às 5 da manhã pra trabalhar, pra sustentar a família”. Em sua maioria, as rimas exaltavam as façanhas cotidianas de heróis e heroínas que “ralam” para sobreviver, acordam cedo para trabalhar e fazem malabarismos para sustentar a família com um salário “ridículo”.

No duelo temático “sistema monetário” (“escravidão”, “alienação”, “salário mínimo”, “bolsa de valores” e “capitalismo”), as rimas caminharam para a construção de um lugar oposto ao hip hop, à solidariedade, à batalha pela sobrevivência: o mundo do dinheiro, do capitalismo, ao qual os MC’s se opunham. Mais uma vez, as palavras (desta vez propostas pela FDR) orientam a construção desse lugar, onde existem “escravidão” e “alienação”. Do outro lado, o “salário mínimo”, com o qual o oprimido sobrevive. A desigualdade social era explicitada, bem como a dificuldade de “se virar” frente ao sistema: “se a sua bolsa é de valores, na minha bolsa eu levo marmita”.

O que se percebe, nas batalhas acima descritas, é um movimento de sobreposição da (auto) afirmação como MC por um discurso maior. Já não é importante se projetar *contra* o oponente, por meio de ataques, ofensas e respostas inteligentes. Nesse momento, parece importar mais elaborar, por

vezes *com* o oponente, em torno de um tema específico. Mas os temas em si não são tão relevantes. Eles são, sim, atravessados por um discurso maior, que toma a frente na construção das rimas. É bastante claro que as questões às quais os MC's vão recorrer estão dentro de um universo comum: acima de qualquer tema, parece estar a temática do hip hop.

Nesta medida, ao promover duelos temáticos, a FDR está se filiando ao movimento hip hop em seu sentido mais amplo, como expressão cultural de contestação. Está convocando todo um histórico de luta e construção identitária para amparar e legitimar sua prática. É nesse sentido que um discurso comum é convocado para elaborar rimas acerca da "união no hip hop", "heróis brasileiros", "sistema monetário" e "direitos culturais", revelando a ideia de cultura da rua, de contracultura, de periferia, resistência e respeito.

Quando performados pelos MC's, no contexto dos duelos, esses temas vão dizer de uma visada que é própria do hip hop, da identidade que a filiação a essa subcultura implica. Discursivamente, o lugar construído *pelo hip hop para o hip hop* vai além da marginalidade e da agressividade. Ele envolve solidariedade e espírito colaborativo e, ao mesmo tempo, o caráter questionador e contestador dos movimentos sociais. Neste sentido, podemos dizer que a ideia de resistência acionada nas batalhas temáticas é construída em um nível *coletivo*: remete a certo discurso *institucional* do hip hop. Ao se distanciar do mundo do "capitalismo", aproximando-se dos heróis populares, da "Dona Maria", da marmitta, os MC's engendram um movimento de identificação ao modo como o movimento se coloca diante da sociedade.

### **Performances da Resistência**

Ao analisar a performance dos MC's no âmbito das batalhas pela afirmação e das batalhas pela institucionalidade, é possível, portanto, perceber uma inversão. Nas primeiras, é evocada uma ideia de resistência associada a um movimento de afirmação *individual*, que gira em torno da figura do verdadeiro

MC, de valores associados à marginalidade e do tom da agressividade, tendo a subcultura hip hop como pano de fundo. Nas últimas, o discurso institucional do hip hop assume a frente, direcionando a construção das rimas para uma ideia *coletiva* de resistência, baseada nos valores de contestação e solidariedade que atribuem ao movimento hip hop uma aura “do bem”.

Embora funcionem nessa lógica inversa, esses discursos não nos parecem conflitantes ou divergentes. Batalhas tradicionais e temáticas, ambas operam na construção e atualização de uma ideia de resistência culturalmente associada à cultura hip hop, nas diversas dimensões da discursividade social. Trata-se de resistência a um sistema que oprime e exclui o diferente baseando-se em critérios de classe, cor e formação escolar, que delimita fronteiras e constrange interfaces entre centro e periferia, demarcando simbólica e materialmente possibilidades de acesso e intercâmbio. Mas ele é capaz de absorver estruturas emergentes e de deslocar valores, em uma relação de negociação e tensionamento.

Nossa observação dos duelos de MC's revela diferentes formas pelas quais o imaginário hip hop se entranha na performance, ou é materializado por ela. Percebemos que a filiação dos sujeitos ao hip hop, e à resistência, especificamente, está mesmo presente como um pressuposto no Duelo de MC's, sendo ativada e renovada a cada batalha. Está presente do nível mais elementar, como no uso de roupas largas, bonés e penteados afro, ao mais subjetivo, como na construção de uma imagem positiva à qual se associar. Argumentamos que a ideia de resistência é constitutiva do Duelo de MC's, sendo *performada* pelos jovens *rappers*. Neste sentido, os sujeitos são, sim, posicionados por um discurso, que se propõe contra-hegemônico e contestador. Mas eles o fazem a partir de apropriações e ressignificações que escapam ao controle normativo.

Há ranhuras. Convivem, no imaginário do hip hop, os heróis da bandidagem – os “vagabundos”, os “malucos” – e os heróis que acordam às 5h da manhã para trabalhar e sustentar a família com um salário mínimo. Convivem a agressividade, a marginalidade e a solidariedade. O hip hop pode se propor um



discurso coeso, com delimitações claras de "nós" e de "eles", mas a apropriação pelos sujeitos é contraditória. A performance revela e constrói contradições e nuances que não podem ser vistas ou ouvidas no discurso do movimento. São pontos de apego, tão transitórios quanto a passagem do trem por detrás do palco durante as batalhas.

### Considerações finais

Buscamos, ao longo deste trabalho, explicitar nosso entendimento sobre como jovens *rappers* configuram uma noção de resistência em sua *performance* no Duelo de MC's. Ao pensarmos resistência como um conceito relacional e contingente, cuja ideia é frequentemente associada ao hip hop e ao Duelo de MC's, nosso objetivo era perceber como os sujeitos colocavam em cena diferentes discursos para se aproximarem dessa ideia. Buscamos olhar para questões como: que discursos são acionados? Que sentidos são produzidos em torno da resistência? Como essa representação é materializada na performance dos MC's?

Para além da pretensão de chegar a respostas exatas, percebemos que a resistência é *constitutiva* da prática das batalhas. Ao subir no palco armado debaixo do viaduto, em meio a tantos outros jovens, os MC's evocam diversas representações (a marginalidade, a solidariedade, a democracia) para *performar* a resistência, orientados pelo grande guarda-chuva do hip hop. Nesse sentido, a performance é um movimento de identificação, ou seja, de filiação identitária. Quando chamam o discurso institucional do hip hop ou tentam se associar à imagem do "verdadeiro MC", os sujeitos se aproximam de modelo normativo culturalmente constituído. Mas eles não o fazem sem deixar resíduos, a partir dos quais a resistência é reconstruída, batalha a batalha. São esses resíduos que agregam elementos diversos, mesmo contraditórios, à ideia de resistência. É nessa medida que o movimento é reflexivo: se a resistência constitui as práticas dos MC's, ao mesmo tempo é por elas constituída, reconstituída, modificada.

O hip hop não deixa de ser um movimento de resistência. O conceito é que se amplia, passando a acolher novos significados. A partir da apropriação do discurso hip hop pelos sujeitos, o próprio discurso sofre modificações. A atuação do movimento hip hop nos anos 80 e 90 está ligada à valorização e defesa da cultura negra, à ressignificação da periferia, à recusa de estigmas e à reivindicação por cidadania. Podemos estar acompanhando um movimento de renovação, que acolhe novas bandeiras e se associa a outras lutas do movimento social. Ele dialoga com a indústria cultural, incorporando alguns de seus elementos e permitindo-se por ela ser incorporado. Ele sai da periferia e ocupa o centro, trazendo a classe média para dentro de suas ações. Ele recorre a novas abordagens em relação ao poder público, novas formas de interação, associação e sustento.

No entanto, nem por isso perde seu lugar discursivo como “contracultural”, ou deixa de constituir um ponto de apegamento identitário para os sujeitos. Dentro de uma formação discursiva convivem diferentes elementos, aspectos conflitantes e contraditórios. Desvendar os interstícios da dinâmica cultural, entendendo os movimentos de negociação que constituem a relação entre valores hegemônicos e contra-hegemônicos, é encará-los no interior dos conflitos pela hegemonia. Este trabalho apenas aponta para essa discussão, em uma reflexão inicial decorrente de nossas percepções em torno dos Duelos de MC’s. Acreditamos que investir neste caminho pode constituir um interessante mote para pesquisas futuras e trazer contribuições significativas para o entendimento das relações entre política, cultura e comunicação.

## Referências

CANCLINI, N. G. "Gramsci e as culturas populares na América Latina". COUTINHO, C. N. e NOGUEIRA, M. A. (eds.). *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

FREIRE FILHO, J. *Reinvenções da Resistência Juvenil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

HALL, S. *Representation: cultural representations and signifying practices*. Londres: Sage Publications, 2002.